

reserhas

Esporte de rendimento e esporte na escola

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Evando Carlos Moreira

José Tarcísio Grunennvaldt

Hamilcar Silveira Dantas Junior

Raquel Stoilov Pereira

STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Org.). *Esporte de rendimento e esporte na escola*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

Introdução

147

Em 2000, a revista *Movimento* trouxe para o debate “O esporte na escola e o esporte de rendimento”, convidando diversos profissionais a externarem seus pontos de vista. O debate deu visibilidade a diferentes concepções sobre o tema, reiterando um presságio apresentado por Bracht, em 1993, de a Educação Física não se seduzir pelo equívoco da redução da multiplicidade, tampouco de incorrer na imunidade inconstante de não se render à controvérsia que adota critérios unívocos de cientificidade, nem mesmo à cientificidade supostamente neutra, tendo em vista que “o conceito de pluralismo científico abrange uma diversidade antagônica e não neutra” (Martins, 1993, p. 105, *apud* Bracht, 1993, p. 117).

Bracht, atendo-se ao movimento maior, embora lento, da história e da ciência de modo específico, em 1993, ousadamente provocava seus pares para não se incorrer em uma solução simplista e negativa da exclusão do antagônico ao anunciar a possibilidade do caminho da “democracia interna”. Tal caminho, já anunciado por outros, de “elogio da lentidão”, que nem sempre é o mais próximo ou o mais veloz, requer:

(...) a humildade democrática de não possuir a verdade acabada e absoluta e ao mesmo tempo reconhecer e fazer valer os melhores argumentos. Unir a vigilância epistemológica à vigilância democrática. (Bracht, 1993, p. 117).

Enfim, na opinião de professores de Educação Física que atuavam/atuam em cursos de formação de professores e de pesquisadores das ciências do esporte, parece

que a revista *Movimento*, quando protagonizou tal debate, na Sessão Temas Polêmicos, nos números 12 e 13, de 2000, e 14 e 15, de 2001, exerceu a dupla função de veículo que socializa o conhecimento da área e suscita o debate ao apresentar posições contextualizadas, irrigadas pelas inquietações e tensionamentos marcadores da contemporaneidade.

A coletânea ora analisada é composta por duas partes: a primeira contém os sete artigos originalmente publicados na revista *Movimento* nos anos 2000 e 2001; e a segunda comporta textos dos mesmos autores com uma discussão contemporaneizada sobre o tema.

Parte 1 – versões originais

Valter Bracht, no texto “Esporte de rendimento na escola”, enfatiza que o esporte nunca saiu de pauta como objeto de polêmica em sua relação com a Educação Física (EF) escolar, e constata seu “renascimento”. Não trata propriamente do esporte de rendimento, mas da relação entre o esporte de rendimento e a EF, que se manifesta como prática pedagógica que se faz presente na escola. Sem pretender recuperar toda a crítica ao esporte de rendimento enquanto elemento da EF, revisitou os argumentos prós e contras, elencando e discutindo os pontos considerados objeto de equívocos e mal-entendidos no interior do debate:

148

- 1) *Quem critica o esporte é contra o esporte* – Essa visão maniqueísta dividiu a EF entre os que são contra e os que são a favor do esporte.
- 2) *Tratar criticamente o esporte nas aulas de EF é ser contra a técnica esportiva* – Portanto, os não críticos seriam tecnicistas e os que tratassem criticamente o esporte na EF seriam contra o ensino das técnicas esportivas.
- 3) *A crítica da Pedagogia Crítica da EF destinava-se ao rendimento enquanto tal, e a este contrapunha o lúdico* – Do lado do rendimento estariam todos os defeitos (mecanização do homem, orientação pela razão instrumental, sacrifício, dor, manipulação etc.) e do lado do lúdico, as virtudes (prazer, espontaneidade, liberdade, verdadeira humanização).
- 4) *Tratar criticamente do esporte na escola é abandonar o movimento em favor da reflexão.*

A separação dos dois primeiros mal-entendidos se faz por formalidade didática, tendo em vista que se imbricam. Nas considerações finais, o autor pressupõe que o esporte como atividade escolar só faz sentido se atrelado ao projeto pedagógico da escola.

Elenor Kunz, em “Esporte: uma abordagem com a fenomenologia”, destaca que o esporte se constitui objeto de conflitos e discussões. Ao tempo que reconhece os aspectos polêmicos do fenômeno, ressalta as críticas que lhe foram feitas, bem como introduz novas possibilidades de seu desenvolvimento prático. Adota o pensamento filosófico de orientação fenomenológica como referencial teórico e trabalha seu texto em três momentos: 1º) análise de algumas perspectivas temáticas

sobre o esporte; 2º) fenomenologia; 3º) percepção, sensibilidade e intuição no esporte. Conclui trazendo considerações sobre alguns pontos em que o paradigma racional-quantitativo do esporte, em vez de auxiliar na busca de melhores resultados ou de uma qualidade de realização esportiva e de vida melhor, pode impedir essa busca. Também traz exemplo de situações concretas, e com isso, “se não for possível jogar mais luz sobre o esporte pela fenomenologia, talvez conseguir jogar luz sobre a fenomenologia pelo esporte” (p. 43).

Adroaldo Gaya, no ensaio “Sobre o esporte para crianças e jovens”, utiliza-se dos espelhos como uma imagem retórica para introduzir argumentos de ordem epistemológica. Todo conhecimento sobre esporte (e não só) pode ter pretensão de validade, mas representará sempre uma visão parcial do fenômeno maior, jamais interpretará a realidade em todo o seu significado. Qualquer disciplina das ciências do esporte pode constituir subsídios para a compreensão desse fenômeno da cultura corporal, mas, isoladamente, nenhuma delas tem legitimidade para requerer para si a hegemonia do discurso. O autor adota o conceito de “esporte plural” por entender que as práticas esportivas em suas diferenciadas formas de expressão propiciam sentidos ou significados que diferem conforme os objetivos de seus praticantes. Aponta quatro expressões para as práticas esportivas: de excelência, escolar, de lazer, de reabilitação e reeducação. Em seguida, trata do esporte de excelência e do escolar no âmbito específico das práticas para crianças e jovens.

Celi Taffarel, munida dos referenciais do materialismo histórico-dialético, propõe, no texto “Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas”, uma reflexão crítica a partir de três dimensões: 1) a gênese e caracterização do esporte diante do projeto histórico capitalista; 2) a inclusão do esporte no âmbito das políticas públicas nacionais de matriz neoliberal; e 3) a busca de uma reinvenção do esporte com base nas práticas pedagógicas dos professores. Para a autora, o desporto subsumido à lógica capitalista converteu-se em uma nova religião de comunicação universal, adequou-se às novas formas de gerenciamento da produtividade e geração de mais-valia, além de criação de novas necessidades de consumo no tempo livre. Tal dimensão do desporto, já amplamente discutida na literatura acadêmica, vem repercutindo na prática social concreta. Calçada nas bases do seu referencial teórico, ela advoga a radicalização do projeto histórico socialista, atestando que qualquer ação acerca do esporte educacional só pode ser efetiva sob a referência da teoria pedagógica que se desenvolve como categoria da prática social.

No texto “Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola”, Marco Paulo Stigger critica os estudos acadêmicos que produzem uma visão homogênea do esporte, qual seja: compreendê-lo como uma prática cultural que reproduz os valores sociais; tomar o esporte de rendimento como modelo de análise do esporte escolar em suas concentradas facetas (competitividade oficial, regras universais, especialização, mensuração e recordes, meritocracia e produtividade). Tal dimensão concebe o esporte de modo monolítico, privilegiando as regularidades e continuidades, ao passo que oculta tensões. Em contrapartida, o autor filia-se aos estudos que advogam uma visão heterogênea do esporte: uma prática cultural

passível de alterações e adequações aos interesses dos indivíduos; uma prática na qual os indivíduos são sujeitos de ação, adequando-a às motivações de coletivos particulares; uma ação social de interação e conflito que produz “efeitos de apropriação”, de construção de estilos de vida. Conclui que uma educação esportiva multicultural preconiza o acesso de todos ao esporte em seus diversos horizontes; sobretudo, favorece um exame crítico do acervo cultural existente, ampliando as possibilidades de leitura do mundo e de representações das experiências vividas.

Alexandre Vaz trata de “Técnica, esporte e rendimento”, sob o enfoque da Teoria Crítica do Esporte. Tomada como meio propriamente dito, a técnica é fundamental para o esporte e para várias de nossas atividades cotidianas; no entanto, é também referida como estrutura modelar, que fascina seu criador e organiza vários modos de ser do mundo contemporâneo. Na primeira parte, comenta a crítica ao esporte na Educação Física/ciências do esporte, considerando, como pano de fundo, as contribuições da Teoria Crítica do Esporte, e levanta alguns aspectos das teorias que concorrem com ela, notadamente a Sociologia Figuracional, de Norbert Elias, e as contribuições de Roberto DaMatta sobre o futebol brasileiro. Na segunda, aprofunda a questão da técnica, tendo como referência principal o esporte, entendido como uma das formas de mediação entre o ser humano e seu próprio corpo, de organização da corporeidade. Por fim, rediscute a questão da técnica a partir de pontos de tensão expostos no decorrer do texto e elabora algumas considerações sobre sua onipresença em ambientes que, em princípio, estão mais distantes do esporte de rendimento, como as quadras e os pátios escolares.

150

Hugo Lovisololo, em “Mediação: esporte rendimento e esporte da escola”, comenta as posições dos autores que publicaram na seção Temas Polêmicos. Uma mediação equânime significaria um distanciamento absoluto que permitisse mapear as semelhanças conservando as diferenças. Ele opta por estabelecer uma conversa imaginária, utilizando-se das figuras da cidade e da montanha, e seu endereço para mediar será a cidade, onde é mais um que contribui para que a cidade caminhe no sentido de sua ordenação. Fala das posições dos autores a partir da sua posição, que é favorável ao esforço de estabelecer acordos no campo da intervenção, pois, “sem acordos não há eficácia simbólica e, sem ela, não há ação eficaz” (p. 159). Na conclusão, apresenta alguns acordos em torno do esporte, com lugar assegurado na escola, desenvolvendo a reflexão ética do esporte escolar, reforçando os valores positivos do esporte e criticando os negativos de forma prática. Modificar práticas escolares e de treinamento em direção da apropriação de processos que reforçam a autonomia do fazer, para Lovisololo, permitiria agregar acordos para a ação.

Parte 2 – versões revisitadas

Na segunda parte do livro, os autores retomam as discussões em torno do tema quase 10 anos depois da publicação dos textos da Parte 1.

Em “Sobre mal-entendidos e equívocos II”, Valter Bracht destaca que o esporte se diferencia em vários sentidos, tendo em vista suas manifestações, mas estas

também mantêm relações que permitem entendê-las de forma estreitamente vinculada entre si. Mesmo assim, existem práticas corporais que se afastam da condição hegemônica e são colocadas em segundo plano. O sentido plural do esporte se perde quando se apresentam os rumos da individualização dos estilos de vida segundo a lógica social instalada. Há uma preocupação exclusiva com a condição individual, o que favorece a não criação de vínculos de grupo. No que se refere a esporte e a cultura, o entendimento de que o primeiro seja uma manifestação cultural justifica sua presença no currículo escolar de forma mediada, conduzindo os indivíduos ao prazer, à cooperação e à saúde. Não obstante as diversas opiniões sobre o esporte de rendimento, o esporte na escola e a educação física, o autor discorda de a Educação Física escolar ter a obrigação inicial da formação esportiva de alto rendimento. Finalizando, mostra-se cético em relação aos avanços das discussões sobre tal temática, visto as más interpretações dos acadêmicos, muito mais performativas do que acadêmicas.

Elenor Kunz inicia suas discussões sobre “Percepção, sensibilidade e intuição para as possibilidades criativas no esporte: complementos atualizados para nova publicação” indicando o uso da fenomenologia pelo esporte como um instrumento para intervenção pedagógica, ou seja, compreender mais da fenomenologia a partir do esporte. O uso de qualidades humanas (percepção, sensibilidade e intuição) resultaria numa capacidade criativa, considerando a essência livre do ser humano, e, assim, o esporte da escola possibilitaria um despertar livre e criativo, sendo a criatividade a síntese das qualidades citadas. À criança deve ser assegurada a possibilidade da criação, de modo livre e espontâneo nas manifestações do brinquedo, do jogo e da prática do esporte, contudo sem preocupação com formas exatas de movimento. A padronização demasiada faz a vida na infância perder o sentido criativo à medida que a escolarização racionalizadora elimina a fantasia, a imaginação, a criatividade.

Adroaldo Gaya, em “O esporte para crianças e jovens – notas em forma de posfácio”, defende um esporte plural, de múltiplos sentidos e significados atribuídos pelos seus participantes, finalizando que o esporte deve estar na escola como expressão da cultura, como patrimônio universal, “por tudo que pode partilhar com o esforço educativo geral da escola e oferecer contribuições específicas na formação de crianças e jovens”.

Celi Taffarel, com o texto “Esporte na escola e o esporte de rendimento: reafirmando o marxismo contra as ilusões e as imposturas intelectuais”, assevera que, para discutir a questão, é fundamental combater o esporte para além do capital, enfrentar o problema do trato do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física e as barreiras impostas para sua legitimação no currículo: dualismo corpo-mente, banalização do conhecimento da cultura corporal, restrição de conhecimentos aos alunos, redução do tempo de aula da Educação Física, utilização de testes padronizados para aferição de habilidades, adoção da teoria da pirâmide, falta de teoria pedagógica construída da prática e falta de reflexão da contradição entre aptidão física e cultura corporal.

Marco Paulo Stigger, no texto "Sobre a reapropriação do esporte no contexto escolar: pensando em possibilidades a partir de uma mudança de foco", aponta que a comunidade da Educação Física teve sua origem no esporte, o que, inevitavelmente, desperta certa tensão ao se discutir o tema. Contudo, um consenso existe: o de que as aulas de Educação Física não devem reproduzir a lógica do esporte de rendimento. Ressalta que, apesar de a maior parte das críticas ao esporte dirigidas pelo mundo acadêmico fazer sentido, os estudos devem marcar posição e avançar nas discussões, superando os limites de discussões anteriores. Sugere a valorização cultural e a reapropriação das situações do dia a dia, não buscando uma solução final, mas investindo na possibilidade de descobertas de pequenas realizações.

Alexandre Fernandez Vaz, em "O tema da técnica e do esporte revisitado", destaca que, em suas relações com o esporte, a técnica é compreendida como uma expressão da sociedade contemporânea. O esporte toma o corpo como objeto técnico por excelência e, assim, o seu ensino assume momentos de domínio e constrangimento do corpo. A justificativa para tal afirmação fundamenta-se em três abordagens teóricas: 1) a relação entre os processos civilizadores, de Norbert Elias, e os estudos sobre o esporte e a sociedade, de Roberto DaMatta, havendo uma associação entre ambos, o drama de DaMatta pode ser uma exposição de configurações sociais complexas de Elias; 2) a defesa de uma combinação entre dimensão técnica e mimética no ensino do esporte, ou seja, acostumamo-nos a valorizar uma dada condição de reprodução de um comportamento – praticar esporte de rendimento no esporte de lazer; 3) a retomada do debate sobre o esporte inspirado na teoria crítica da sociedade da Escola de Frankfurt. Por fim, o autor destaca três momentos para compreender os estudos do esporte baseado numa teoria crítica da sociedade: a relação do corpo com o treinamento corporal; o lazer imerso na lógica da indústria cultural; e a constituição de uma tradição esportiva baseada nos processos discursivos da cultura e na identidade nacional.

Hugo Lovisollo encerra as discussões com o texto "Competição, cooperação e regulações", em que menciona que os conceitos e definições de competição e cooperação se apresentam em número elevado, dos quais poderiam ser levantadas duas hipóteses: 1^a) a competição é divertida – porém mais combatida que defendida; e 2^a) a cooperação é séria – apresenta inúmeros defensores. A competição parece uma força natural, quase instintiva; já a cooperação é uma força moral evoluída. Assim, estimular a competição é algo simples, bastando um gesto ou palavra, enquanto a cooperação precisa ser apresentada, estudada, discutida. Tal fato indica a condição natural da competição e não natural da cooperação. Esta pode estar a serviço daquela, de forma saudável, valorizando e constituindo redes de cooperação que ampliam as boas condutas dentro de uma condição competitiva, ou seja, quem coopera vence mais. Assim, o professor de Educação Física deve apostar na cooperação não como elemento que separa os cooperadores [bons] dos competitivos [maus], mas como uma possibilidade dentro da competição, pois ao elogiar demais o cooperador, desconsiderando o competitivo, estará separando e hierarquizando o que não tem nada de cooperativo.

Conclusão

Finda a análise dos capítulos da obra, retomamos as palavras de Molina (2009) quando, na Apresentação do livro, ao destacar que se trata de um debate acadêmico e, nessa contenda, busca-se privilegiar o melhor argumento somente possível quando seu percurso é produzido pela ocorrência de pontos de vista discrepantes.

Observamos que, nesse espaço democrático de produção e veiculação do conhecimento, foi proporcionado no campo acadêmico da Educação Física/esportes o debate acerca da polêmica envolvendo o esporte de rendimento e a Educação Física escolar. Assim, percebemos que, passados quase 10 anos após a publicação dos textos que configuram a primeira parte da obra, o debate contemplou e permitiu visibilidade às diversas concepções que o tema possibilita. Isso evidencia o presságio de Bracht (1993) de que a Educação Física e seus intelectuais, militantes ou não, não sucumbiram à sedução da redução da multiplicidade, nem incorreram ou se renderam à controvérsia que tende a adotar critérios maniqueístas de cientificidade, nem mesmo transitaram na ingenuidade da cientificidade supostamente neutra, porque acreditam que o pluralismo científico é fruto da diversidade antagônica e não neutra.

Trazer à tona uma polêmica que envolve esporte e Educação Física escolar e não sucumbir à superioridade do primeiro em relação à segunda, em ambiência ufanista de tempos de megaeventos, remete nossa discussão para a construção de uma “forma escolar” para o esporte, e esta como um compromisso (político) do campo da Educação Física que não pode ser ignorado, como afirmam Bracht e Almeida nesta edição da revista *Em Aberto*. O desafio se amplia para a área quando ela se materializa como disciplina em espaço e configuração de ações distintas da forma escolar das disciplinas convencionais (Charlot, 2009).

Referências bibliográficas

BRACHT, V. Educação Física/Ciências do Esporte: que ciência é essa? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 14, n. 3, p. 110-118, 1993.

CHARLOT, B. Ensinar a Educação Física ou ajudar o aluno a aprender seu corpo-sujeito? In: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; RIBEIRO, S. D. D. (Org.). *Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes*. São Cristóvão: Ed. da UFS, 2009. v. 3, p. 231-246.

MARTINS, E. de R. Pluralismo científico. In: STEIN, E.; DE BONI, L. A. (Org.). *Dialética e liberdade*. Petrópolis: Vozes, Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993. p. 104-116.

MOLINA, V. Esporte na escola e esporte de rendimento: Deus e o Diabo na terra do sol [Apresentação]. In: STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. (Org.). *Esporte de rendimento e esporte na escola*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. p.1-8.

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professora associada do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *Campus* de Sinop.
anagrunennvaldt@uol.com.br

Evando Carlos Moreira, doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professor adjunto da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
ecmmoreira@uol.com.br

José Tarcísio Grunennvaldt, doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), é professor associado da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).
jotagr@hotmai.com

Hamilcar Silveira Dantas Junior, doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é professor associado I do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS).
hamilcarjr@hotmail.com

Raquel Stoilov Pereira, mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), é docente do Curso de Educação Física do Centro Universitário Várzea Grande (Univag).
stoquel@uol.com.br